



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO DE HISTÓRIA**

**ANGELINA CLARA SILVA DE SOUZA**

**ENTRE INTERPRETAÇÕES SOCIAIS E PENSAMENTOS CRÍTICOS: UM  
RELATO DA EXPERIÊNCIA DE ENSINAR HISTÓRIA ÉTNICO-RACIAL.**

**GUARABIRA  
2020**

ANGELINA CLARA SILVA DE SOUZA

**ENTRE INTERPRETAÇÕES SOCIAIS E PENSAMENTOS CRÍTICOS: UM  
RELATO DA EXPERIÊNCIA DE ENSINAR HISTÓRIA ÉTNICO-RACIAL.**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado(a) em História.

**Área de concentração:** História, Ensino e Currículo.

**Orientador:** Prof. Dr. João Bueno.

**GUARABIRA  
2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725e Sousa, Angelina Clara Silva de.  
Entre interpretações sociais e pensamentos críticos [manuscrito] : um relato da experiência de ensinar história étnico-racial / Angelina Clara Silva de Sousa. - 2020.  
29 p. : il. colorido.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2020.  
"Orientação : Prof. Dr. João Bueno , Coordenação do Curso de História - CH."  
1. Educação étnico-racial. 2. Estágio. 3. Parâmetros curriculares. 4. Ensino de História. I. Título  
21. ed. CDD 371.32

ANGELINA CLARA SILVA DE SOUZA

ENTRE INTERPRETAÇÕES SOCIAIS E PENSAMENTOS CRÍTICOS: UM RELATO  
DA EXPERIÊNCIA DE ENSINAR HISTÓRIA ÉTNICO-RACIAL.

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado ao Departamento do Curso  
de História da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à  
obtenção do título de licenciado(a) em  
História.

Área de concentração: História, Ensino e  
Currículo.

Aprovada em: 26/11/2020.

**BANCA EXAMINADORA**



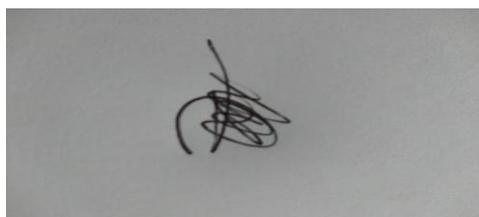
---

Prof. Dr. João Bueno (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Dra. Luciana Calissi

Primeiramente quero agradecer a Deus por tudo que tem feito em minha vida e pela grande família que me deu, mais grata ainda pelo maior presente de todos, Clarissa, minha filha querida, que ressignificou minha vida, sendo minha razão diária de ter forças.

Sou muitíssimo grata a minha mãe e ao meu pai, por nunca ter desistido de mim, por ter lutado tanto pela minha vida e pela minha saúde.

Sou grata a minha irmã Carine por ser tudo na minha vida e ter sido um pilar na minha vida acadêmica, à minha irmã Gerlane pela dedicação, companheirismo e amizade.

E ao meu orientador Doutor João Bueno, por sua paciência, supervisão e por ter acreditado em mim quando nem eu mesma o fiz.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Diagrama de esquema da metodologia .....	17
Figura 2 –	Fotografia da fachada frontal da escola .....	20
Figura 3 –	Fotografia da elaboração dos painéis em sala.....	22
Figura 4 –	Fotografia da produção dos painéis em sala.....	22
Figura 5 –	Fotografia dos painéis quase finalizados .....	23
Figura 6 –	Fotografia do painel do grupo 01.....	25
Figura 7 –	Fotografia do painel do grupo 02.....	26
Figura 8 –	Fotografia do painel do grupo 03 .....	26
Figura 09 –	Fotografia do painel do grupo 04.....	27
Figura 10 –	Fotografia do painel do grupo 05.....	28

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Tabela de Autores integrantes da pesquisa bibliográfica.....	18
------------	--	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BNCC	Base Nacional Comum curricular
EJA	Educação para Jovens e Adultos
MEC	Ministério da Educação

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	11
2	REFERENCIAL TEÓRICO .....	14
3	METODOLOGIA .....	17
4	DISCUSSÕES E RESULTADOS .....	19
4.1	DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES .....	19
4.1.1	DADOS DE IDENTIFICAÇÃO .....	19
4.1.2	CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO .....	19
4.1.3	DADOS DO SUPERVISOR .....	20
4.1.4	OBJETO DE ESTUDO .....	21
4.1.5	ATIVIDADE DESENVOLVIDA .....	21
4.2	OBSERVAÇÕES E PROBLEMÁTICAS .....	23
4.2.1	TEORIA X PRÁTICA .....	24
4.3	PRODUTO .....	25
5	CONCLUSÃO .....	29
	REFERÊNCIAS .....	30
	APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS .....	20
	ANEXO A – DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS .....	21

## **ENTRE INTERPRETAÇÕES SOCIAIS E PENSAMENTOS CRÍTICOS: UM RELATO DA EXPERIÊNCIA DE ENSINAR HISTÓRIA ÉTNICO-RACIAL.**

### **BETWEEN SOCIAL INTERPRETATIONS AND CRITICAL THOUGHTS: A REPORT OF THE EXPERIENCE OF TEACHING ETHNIC-RACIAL HISTORY.**

Angelina Clara Silva de Souza

#### **RESUMO**

Tendo em vista a importância das práticas metodológicas no processo de ensino e a incorporação e relevância do tratar a história e a cultura afro-brasileira enquanto educação antirracista, e ainda reconhecendo a profissão do professor enquanto função social estimuladora do pensamento crítico, este trabalho é um artigo feito a partir de um estudo de caso que se destina a descrição da experiência em estágio supervisionado do curso de história, no ano de 2019, com elaboração e execução de um plano de aula para a docência das relações étnico-raciais, a partir do embasamento com a Base Nacional Comum Curricular, com o volume 05 dos Parâmetros Curriculares Nacionais: história e geografia e as Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-raciais, realizado em uma escola estadual de ensino público, no município de Mamanguape, na Paraíba. Trabalhando em específico com alunos de 3º ano médio, sob supervisão do professor Manoel Miranda, abordando a temática da Consciência Negra, com metodologias práticas de abordagem participativa, objetivando comentar a experiência obtida, desenvolvendo questões relativas à educação étnico-racial e à interpretação dos alunos sobre as temáticas em sala e explanando sobre a aplicação da atividade, as reflexões e o produto resultante destas. Os procedimentos metodológicos que compõem a produção do trabalho são a pesquisa bibliográfica, o estudo de campo e a análise do produto e do resultado obtidos. E, como referenciais teóricos utilizou-se Gomes (2017), Gouvêa, Oliveira e Sales (2014), Bittencourt (2008) e Abreu e Mattos (2008).

**Palavras-chave:** Educação étnico-racial. Estágio. Parâmetros curriculares. Ensino de História.

#### **ABSTRACT**

Bearing in mind the importance of method practices in the teaching process and the incorporation and relevance of treating Afro-Brazilian history and culture as anti-racist education, and still recognizing the teacher's profession as a stimulating social function of critical thinking, this work is a article made from a case study that is intended to describe the experience of a supervised internship in the history course, in 2019, with the elaboration and execution of a lesson plan for teaching ethnic-racial relations, based on the foundation with the National Common Curricular Base, with volume 05 of the National Curriculum Parameters: history and geography and the Guidelines and Actions for the Education of Ethnic-racial Relations, held in a state school of public education, in the municipality of Mamanguape, Paraíba . Working specifically with 3rd grade students, under the supervision of Professor Manoel Miranda, addressing the theme of Black Consciousness, with practical methodologies of participatory approach, aiming to comment on the experience obtained, developing issues related to ethnic-racial education and the interpretation of students on the themes in class and explaining the application of the activity, reflections and the product resulting from them. The methodology procedures that

make up the production of the work are bibliographic research, field study and analysis of the product and the result obtained. And, as theoretical references, Gomes (2017), Gouvêa, Oliveira and Sales (2014), Bittencourt (2008) and Abreu e Mattos (2008) were used.

Keywords: Ethnic-racial education. Internship. Curricular parameters. History teaching.

## 1 INTRODUÇÃO

Tratar do ensino de história é sempre um processo desafiante, em meio a isto incluir as relações étnico-raciais no método educacional se faz possível e necessário, segundo o Ministério da Educação – MEC (2006), que coloca o ensino destas temáticas como educação antirracista, que constrói com os alunos valores de igualdade ao tratar das dimensões históricas.

Assim, esse trabalho busca de forma geral relatar as experiências do ensinamento de história durante a etapa de ministrar a temática negritude. Em específico, objetiva também desenvolver questões relativas à educação étnico-racial e à interpretação dos alunos sobre as temáticas em sala, explanando sobre a experiência e a atividade desenvolvida durante o período de estágio na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Luiz Aprígio, com a turma de 3º ano médio para cumprir com as atividades curriculares da disciplina de Estágio Supervisionado III, durante o período de outubro a novembro do ano de 2019.

Para tal resultado é preciso compreender inicialmente que, ao discutir sobre a dimensão das relações étnico-raciais no ensino de história estamos tratando de metodologias fundamentadas não apenas sob a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, como também sob os Parâmetros Curriculares Nacionais: história e geografia e as Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-raciais, definidos pelo MEC.

A *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC) é um volume de normativas destinado aos educadores do ensino de nível básico como diretrizes para aplicação de suas metodologias de ensino.

Com o objetivo de garantir não só o aprendizado do aluno como também o seu desenvolvimento enquanto indivíduo integrante da sociedade, a BNCC se propõe a estabelecer discussões que garantam aos alunos de ensino básico, o conhecimento e desenvolvimento de áreas do conhecimento que possam ajudá-los a conhecer e participar no processo de desenvolvimento de uma forma mais inteirada com a sociedade.

O documento é dividido em cinco partes, que, em síntese, introduz a essência da BNCC, destrincha sua estrutura, trabalha diretrizes para a educação infantil, fundamental e média.

Portanto, focando na temática estabelecida neste trabalho, é preciso se limitar ao quarto capítulo, que trabalha com a disciplina História nos níveis de ensino fundamental e médio.

Nesta seção, o processo de aprendizagem da disciplina História é tratado por partes, cada uma destas tem a responsabilidade de evidenciar as competências específicas estabelecidas à História por etapa do ensino fundamental e médio.

Em suma, sobre o ensino de história a BNCC fala sobre o caminho inicial que deve ser percorrido para o aluno criar entendimento do que é referente à sua realidade e à realidade que ele pertence, ou seja, foca na aplicação de temáticas históricas que capacitam o aluno a ter consciência de si e dos seus deveres como parte de um grupo.

O desafio é, portanto, o processo no qual o aluno passa a conhecer os grupos e deveres relacionados à existência do outro, considerando as diferenças de linguagem, cultura e outros fatores. Assim, exercícios multidisciplinares são utilizados como exemplo nesta parte para que o aluno associe primeiro as características comuns a ambos os contextos.

Entre abordagens de fatos sociais e problemas contemporâneos desencadeados para o processo histórico, é no ensino médio que os alunos precisam ter uma perspectiva total sobre os problemas contemporâneos, que também se enquadram a ele.

Por fim, pode se perceber que a BNCC descreve as habilidades específicas do historiador que integram o processo de produção do conhecimento histórico, reconhecendo o processo de aprendizado e a habilidade de correlacionar diferentes épocas como algo gradativo e que em todos os níveis de ensino deve estar relacionado ao presente.

O aluno, segundo o mesmo volume, deve ter conhecimento sobre os fatos relacionados não apenas ao seu espaço e tempo, mas também aos outros e ao conjunto no qual se enquadra, reconhecendo a diversidade de cultura e vida e dos conflitos por estes gerados, assim, pretende-se que o aluno possa respeitar a diversidade cultural e de opiniões.

A história se propõe a capacitar o aluno a pensar de forma autônoma, para que este possa questionar, comparar, contextualizar e identificar fatos. Entretanto não considera as possíveis dificuldades que os alunos apresentam na realidade,

como não ter base de conhecimento suficiente, e até mesmo, por muitas vezes não ser letrado.

Por outro lado, ao tratar de temáticas étnico-raciais no processo de ensinar História, é também preciso obedecer aos parâmetros curriculares e orientações do Ministério da Educação, os quais tratam do ensino por seções organizadas como educação de nível infantil, fundamental e médio, incluindo ainda o Educação para Jovens e Adultos- EJA, o nível superior de licenciatura e a educação quilombola.

Segundo as premissas desses parâmetros, o ambiente escolar é um dos corpos institucionais da sociedade que desempenha a função de perpetuar e valorizar o respeito às diferenças étnicas e raciais, o que exige um longo processo que integra toda a vida escolar de um indivíduo. Isto em razão de que é preciso compreender as lutas de resistências de povos que conseguiram com muito esforço manter suas tradições culturais vivas até os tempos atuais, que se manifestam de forma cultural, social e política na nossa sociedade.

Dessa forma, as orientações para o ensino étnico-racial no nível infantil se dão através da aceitabilidade para com as características culturais e religiosas do aluno, por parte do professor, que deve estimular as trocas sociais dentro de sala e tratar de forma igualitária os alunos. No ensino fundamental a história e cultura dessas temáticas passam a serem abordadas diretamente em sala, em forma de metodologias criativas e interações multidisciplinares.

Por sua vez, é no ensino médio que os alunos têm uma contribuição maior no processo de aprendizagem, apresentando pensamentos críticos, refletindo, questionando e obtendo conhecimentos sobre si e sobre o outro.

É então seguindo essas orientações e compreendendo a importância do ensino de história dessas temáticas, que o trabalho se desenvolve sobre o eixo temático da Consciência Negra.

O processo de resistência do Movimento Negro no Brasil é um fenômeno impossível de ser conceituado, mas sabe-se que é um movimento social que luta contra o racismo de forma pública, entendendo este como um problema social que promove a desigualdade social, na condição de inferiorização da população negra por meio da inserção de políticas públicas. Nesse contexto, o Movimento Negro busca ressignificar a questão étnico-racial para promover a igualdade racial, assim como os Parâmetros Curriculares Nacionais: história e geografia e as Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-raciais do MEC.

Em seu trabalho intitulado *O Movimento Negro Educador*, Nilma Lino Gomes (2017) trabalha com esse contexto através da instância política, ou seja, aborda a questão da resistência e luta do Movimento Negro durante a ditadura militar e nos dias atuais, através do cotidiano e da vivência desses povos no espaço urbano, por meio do qual são marginalizados, desrespeitados e violentados, o que a autora reconhece como uma luta contra o racismo que existe na estrutura do Estado e no cotidiano dessas pessoas.

Portanto, é possível perceber que a luta pela discriminação racial é uma mobilização conjunta de diversos movimentos, em específico, por meio das entidades políticas, como dos militantes torturados, cujos corpos nunca foram encontrados, dos cantores, dos poetas, das organizações religiosas, culturais e até mesmo de acadêmicos. Dos quilombolas, cuja reserva não é respeitada, dentre outros. Tudo isso para Gomes (2017) é a reafirmação de que a existência do negro já é em si um ato de resistência sangrento que existe desde o período colonial no Brasil e que continuará a existir até haver políticas que promovam a igualdade social.

Portanto, considerando essas bases curriculares sob as quais se fundam as metodologias, é então preciso ainda afirmar a predominância de docentes que utilizam práticas de memorização em metodologias passivas, que colocam o professor como centro do aprendizado.

Dando continuidade a mesma observação, conforme vai se desenvolvendo as aulas, é possível perceber que parte dos lecionadores de história não buscam dinamizar o ensinamento, no máximo, envolvem outros conteúdos tentando chamar a atenção dos alunos para os temas trabalhados em sala.

Nesse processo o aluno deve ser também responsável pelo desenvolvimento de seu conhecimento, sendo este processo facilitado por meio da participação do aluno em metodologias ativas como debater, escrever, contextualizar, até mesmo através da troca da metodologia de trabalhar fatos históricos como verdades absolutas por ensinamento de conceitos. E esse é um desafio para o ensinamento de História e a metodologia deve contemplar fontes e perspectivas diferentes para poder trabalhar de forma humana, assim, ensinando os alunos a não serem manipulados pelos fatos e reconhecer as variações entre perspectivas diferentes (MEC, 2006).

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Acerca da significação de ser professor (a) Bittencourt (2008) define que esta é uma profissão necessária no processo de formação da sociedade por meio do contato com o indivíduo, exercendo um papel essencial e indiscutível caracterizado pelas permutações das práticas metodológicas, avanços tecnológicos e demais mudanças sociais, adaptando-se às circunstâncias da atualidade.

Nessa perspectiva, ser professor (a) de História é uma atribuição multidisciplinar, a qual não se limita a utilizar de métodos para simplificar a prática de construção do conteúdo, na formação de intelectualidade e de identidades.

Bittencourt (2008) aponta a história cultural como uma tendência historiográfica que se relaciona com a produção escolar e a outras classificações, a exemplo da história política.

Assim, a nova história cultural busca entender em escala macro e micro, os acontecimentos passados e a história imediata, isto é, fatos do tempo presente para auxiliar no processo de formação crítica dos alunos e trabalhar com a conexão entre realidades locais e externas de temporalidades diferentes, ficando a critério do professor avaliar a forma mais eficaz de conduzir o tema, como descreve Gouvêa, Oliveira e Sales (2014):

Os conteúdos curriculares que trabalham a história e a cultura afro-brasileira e africana devem se fundamentar em princípios que vão orientar para uma educação antirracista e quem, na verdade, faz o currículo somos nós, educadores. Nesse sentido, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, na Educação Básica, sugerem procedimentos valiosos para que nós, educadores, pratiquemos um currículo que seja, de fato, a transmissão cultural de um patrimônio de conhecimentos, valores, símbolos, constituído ao longo de gerações (FORQUIN, 1993) de todos e não de alguns. Que possamos desencadear o “processo de afirmação de identidades, de historicidade negada ou distorcida” (BRASIL, 2005, p. 19), desde quando os africanos aqui chegaram. (GOUVÊA, OLIVEIRA E SALES, 2014, p. 186)

No tocante à (re)produção da história cultural enquanto assunto integrante da proposta curricular de História, Abreu e Mattos (2008) destaca a complexidade de se trabalhar com as relações étnico-raciais em virtude da pluralidade cultural, em específico, o método de estruturação e formação da identidade negra, que fica a cargo do autorreconhecimento e da forma de se referir à temática, sem deixar de reconhecer que outras culturas também integram esta, sendo o maior desafio tratar da identidade negra e das políticas de combate ao racismo ao trabalhar culturas para compreender a história. Assim, os autores também afirmam que:

Nesse sentido, o foco do trabalho escolar sobre essas associações pode se colocar sobre sua historicidade, destacando exatamente o processo histórico de construção da identidade negra do grupo, e as diversas matrizes culturais (africanas, portuguesas, norte-americanas etc.) por ele acionadas. Assim, os estudantes podem reconhecer, de forma prática, que tradições e experiências confluíram para definir, hoje, a identidade negra dos grupos estudados. Além do mais, abre-se a possibilidade de se avaliar a atuação política dos afrodescendentes para além do período de luta contra a escravidão, perspectiva que predomina nos livros didáticos e no próprio ensino de história. (ABREU E MATTOS, 2008, p. 15)

Nessa perspectiva, é importante lembrar que tratar das relações étnico-raciais nos níveis de ensino básico é obrigatório segundo a Lei 10.639/03, que normatiza o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana como tema importante a ser discutido nas escolas de ensino público e privado, propondo novas diretrizes.

Considerando então o nível de complexidade do tema e as lutas contra a desigualdade e atos racistas, abordar as temáticas étnico-raciais em sala de aula, compreendendo que o aluno deve ter atributos morais, éticos e críticos, é algo necessário e indubitável, visto que ao evidenciar o histórico de conflitos e resistências constata também a natureza social, política e econômica desigual que se opõe aos padrões legislativos e constitucionais nacionais. É daí que surge a quebra dos paradigmas racistas e desiguais, no que diz respeito às discussões e abordagens metodológicas que abarcam outras áreas dos saberes, sendo importante trazer referências musicais, teatrais, literárias etc. (GOUVÊA, OLIVEIRA E SALES, 2014).

É então de fundamental importância discutir sobre os métodos pedagógicos aplicáveis, mas antecedente a isso, se faz necessário compreender que este se faz em virtude dos conteúdos escolares, das tendências historiográficas, do conhecimento prévio dos alunos, da realidade escolar e do tempo para aplicação. Além disso, há também as Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-raciais. Tudo isso corrobora para a escolha dos procedimentos metodológicos.

Em se tratando dessas orientações estabelecidas pelo MEC, os documentos servem como orientações que devem facilitar o processo de aplicação das temáticas por meio da definição de competências da temática, do aluno, da disciplina e do professor, e métodos adequados a este processo, estabelecendo estratégias para alcançá-las de forma eficiente. Nesse sentido, sobre a utilização dessas normativas, Abreu e Mattos (2008) afirmam que:

Em meio a tantos desafios, as “Diretrizes” têm aberto caminhos e nos feito pensar. A despeito de prognósticos pessimistas, é notório o crescimento do interesse de professores e secretarias de educação pela sua implementação, o que evidencia uma premente demanda social na luta contra o racismo. Algumas estratégias sugeridas pelas “Diretrizes” podem ajudar a aprofundar a discussão. (ABREU E MATTOS, 2008, p. 15)

Portanto, acerca dos procedimentos metodológicos tradicionais Bittencourt (2008) aponta que:

Um dos vilões do ensino de história parece ser “o método tradicional”, termo usual entre docentes e pesquisadores do ensino, embora pouco explicitado e definido concretamente. Pode-se entender o método tradicional – que tem sido criticado desde o fim do século XIX, segundo o que apresentamos anteriormente – como aquele que conduz o aluno a simplesmente aprender de cor os conteúdos. (BITTENCOURT, 2008, p. 225)

Todavia, a mesma autora comenta que algumas abordagens consideradas tradicionais são, no tempo presente, funcionais e úteis, como a utilização de materiais disponíveis em sala para compor a aula. Para o ensino de temáticas culturais é sugerido então que se trabalhe a história de forma integrada a outros eixos, tais como o social, político e econômico, numa abordagem de comparativo e contextualização à nível regional (micro) e nacional (macro).

É possível ainda propor atividades com enfoque na memória coletiva e individual dos alunos para tratar da história local. Isso corrobora para a significação do contexto coletivo por meio de relatos locais estruturalmente sociais. Para isso, podem ser utilizados textos como base para discussão e debates em sala de aula, assim como também a utilização de recursos artísticos e audiovisuais, como já citado anteriormente, a exemplo de filmes, músicas etc.

Portanto, o importante é cativar a atenção do aluno, que deve estar inserido no processo de aprendizado como responsável parcial pela compreensão do conteúdo e desenvolvimento de competências. O professor é então um facilitador e intermediador desse processo, que deve optar pela estratégia mais eficiente, elencando as propostas metodológicas, instrumentais e atividades que se adequem ao máximo à realidade e capacidade dos alunos.

### **3 METODOLOGIA**

Os procedimentos metodológicos que compõem o trabalho em questão foram divididos em cinco etapas, conforme o esquema elaborado na imagem 01.

Diagrama 01 – Esquema da metodologia.



Fonte: acervo próprio.

Começando com a primeira etapa, houve a coleta de dados por pesquisa bibliográfica para melhor compreensão das temáticas integradas à atividade proposta (ver tabela 01).

Tabela 01 – Autores integrantes da pesquisa bibliográfica.

	Autor	Título	Ano	Descrição
Introdução e justificativa do tema	BNCC	Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental.	2017	Documento nacional que define diretrizes escolares para o ensino de todas as disciplinas que integram as fases do ensino infantil, fundamental e médio.
	Ministério da Educação / Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.	Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais.	2006	O Volume trata dos parâmetros para o ensino da pluralidade cultural à nível de ensino básico, educação quilombola e de nível superior para os cursos de licenciatura, dando algumas sugestões de abordagens metodológicas.
	GOMES	O movimento negro educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação.	2017	O livro traz uma abordagem metodológica diferente para o ensino através das práticas e relatos de experiência do movimento negro, fazendo uma crítica aos currículos padrões.
Referencial teórico	BITTENCOURT	Ensino de História: fundamentos e métodos.	2008	Livro sobre os métodos, competências e conteúdos escolares da disciplina de História para todos os níveis de ensino básico.
	GOUVÊA, OLIVEIRA E SALES	Educação e Relações Étnico-Raciais: Entre diálogos contemporâneos e políticas públicas.	2014	Livro destinado às questões raciais e debates sobre a diversidade no campo institucional e sua dinamização por meio das metodologias.
	ABREU E MATTOS	Em torno das “Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana”: uma conversa com historiadores	2008	Artigo sobre o processo de ensino das relações étnico-culturais e cultura afro-brasileira e africana na disciplina de história. Traz a descrição dos parâmetros nacionais.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Após essa etapa se iniciou o período de estudo de campo, que consistiu nas experiências de estágio, composto por três etapas: a análise da realidade institucional, para constatar de forma descritiva a situação do espaço escolar; a elaboração do plano de aula e a execução das atividades.

Para obter as informações referentes à estrutura escolar, foi necessário não apenas observar o campo de atuação do estágio, como também consultar o professor supervisor, tendo como critério o estado do espaço de ensino, dos equipamentos disponibilizados e da organização das aulas. A partir disso, foi elaborado então um plano de aula, cujo intuito foi trazer uma proposta diferente da tradicional, referente ao abordado no referencial teórico e adaptável a realidade dos alunos, da escola e dos equipamentos disponíveis, seguido da sua execução.

Portanto, a proposta se dividiu em três partes práticas: um debate, a produção e a exposição da atividade, seguindo a temática do ensino de história e cultura afro-brasileira.

Com todo o material completo foi então produzida a análise e discussão dos resultados, de acordo com o que foi coletado durante a etapa de pesquisa, para observar o desempenho e funcionamento da metodologia adotada.

## **4 DISCUSSÕES E RESULTADOS**

### **4.1 DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE**

#### **4.1.1 Dados de identificação**

O exercício foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Luiz Aprígio, sob a supervisão do professor de história da instituição Manoel Miranda, durante as Quartas-feiras e sextas-feiras de 13:00h às 14:00h na turma do 3º ano do ensino Médio.

Esta atividade, desempenhada durante as aulas de Estágio Supervisionado III, foram realizadas para a elaboração de um relatório que deveria constar a descrição das atividades desenvolvidas durante o período de experiência na instituição e a análise sobre a relação entre a teoria e a prática de estágio e de forma sucinta a relevância das experiências obtidas durante o tempo de prática, ocorridas no período de outubro a novembro de 2019.

#### **4.1.2 Caracterização da instituição**

A instituição é de setor público estadual, localizada próximo ao Centro Cultural Fênix, marco referencial no bairro centro, do município de Mamanguape.

A escola (ver imagem 01) atende um total de 602 alunos que se dividem em anos finais do ensino fundamental, ensino médio e EJA, com funcionamento nos turnos matutino, vespertino e noturno com horários de 07h às 11h, 13h às 17h e 19h às 22h.

Imagem 01 – Fachada frontal da escola.



Fonte: acervo próprio.

O espaço físico da instituição, ao contrário do que é ilustrado na figura 01, é um ambiente que carece de infraestrutura, apresentando, no ano de 2019, patologias referentes à falta de manutenção do edifício e dos mobiliários, e infiltração de água na alvenaria, portanto pode se constatar que não há estrutura apropriada para os alunos cumprirem suas atividades e principalmente dificultando para os professores executarem seu trabalho com êxito.

#### 4.1.3 Dados do Supervisor

Durante o período de estágio na instituição o supervisor foi o professor Manoel Miranda, o qual é licenciado em História pela Universidade Estadual da Paraíba.

Na instituição, é responsável por turmas dos anos finais do ensino fundamental, do ensino médio e turmas do EJA. Percebe-se que o professor é extremamente organizado, pontual e cauteloso ao passar o conteúdo, não

trabalhando apenas com livros didáticos, mas também trazendo materiais e metodologias práticas de abordagem participativa para os alunos com material próprio, como recursos audiovisuais e materiais documentais.

Outra característica do processo educativo do professor é avaliar e garantir que os alunos consigam compreender o conteúdo trabalhado, seja de forma tradicional ou alternativa, pois ele compreende que dentro de uma sala nem todos os alunos conseguem se adaptar a mesma metodologia, havendo assim uma relação dinâmica.

#### 4.1.4 Objeto de estudo

O espaço de realização do estágio foi a sala de aula, que conta com quadro branco, o espaço do professor e mobiliários diferentes, isto é, parte dos acentos dos alunos são cadeiras de plástico polipropileno com mesas de base em madeira e estrutura metálica ou cadeiras de madeira com mesa de escrita integrada. Parte considerável desses equipamentos se encontram quebrados, sendo inapropriado para o uso dos alunos, mas ainda assim utilizado.

Durante a prática do estágio, através do supervisor de campo foi observado que a instituição de ensino, no ano de 2019, recebeu a visita do governador e este por sua vez aprovou a reforma da escola, que ainda não tem prazo para ser iniciado.

#### 4.1.5 Atividades desenvolvidas

Como previsto no plano de estágio, a princípio procurou-se observar a turma selecionada e o professor que seria orientador no campo, objetivando pensar e vivenciar o ensino de História e elaborar possibilidades diversas para o melhor aprendizado do aluno. Portanto, o período de observação, que durou duas aulas, resultou na constatação de que a postura do professor varia de acordo com o comportamento da turma e em seu plano algumas aulas podem ser alongadas em decorrência do nível de dificuldade dos alunos. Assim, foi elaborado um plano de aula, intitulado plano de aula A, que em sua finalidade almejava trabalhar com o conteúdo do período de nova república.

Todavia, houve dificuldades diversas durante o período em relação a falta de aula, que ocorreu frequentemente por causa da falta água e outros contratemplos que forçaram a direção da escola a suspender as aulas.

Assim, compreendendo que este período se aproximava do Exame Nacional de Ensino Médio – Enem, o professor de História adotou uma nova metodologia, passando a revisar todo o conteúdo do ensino médio com a turma do 3º ano, não sendo possível intervir na programação do professor.

Portanto, se aproximando do prazo, dia 20 de novembro, que também é o dia da Consciência Negra, foi resolvido desenvolver a Culminância, que é um plano de aula B sobre a autoidentificação cultural e racial, uma reflexão sobre a consciência negra.

Imagem 02 – Elaboração dos painéis em sala.



Fonte: Acervo próprio.

O plano se dividia em três momentos, que seria à primeira instância organizar a sala em círculo e trabalhar uma dinâmica de auto reconhecimento quanto a identidade racial e cultural, o que ocorreu de maneira que à princípio cada aluno explicasse sua perspectiva sobre sua raça e como reconhecia o colega ao lado, seguindo o sentido horário. Após esse momento, os alunos tiveram que trabalhar em equipes de cinco pessoas para a montagem de um painel (ver imagens 02 e 03).

Imagem 03 – Produção dos painéis em sala por orientação coletiva.



Fonte: Acervo próprio.

O painel é um quadro formado por foto colagens, desenhos e palavras que expressem e representem de forma visual um ponto de vista. Assim, foi sugerido aos alunos que trabalhassem com uma cartolina para abordar dois lados de ser negro, o do orgulho e do preconceito, cada um em lados opostos da mesma folha, representada como a expressão popular “os dois lados da moeda” (ver imagem 04).

Ou seja, o painel funcionaria como uma moeda de duas caras, de um lado eles representariam pontos negativos, a luta contra o racismo, a opressão, etc. e de outro lado pontos positivos relacionado a cultura afro-brasileira, ao orgulho de ser negro, ao sentimento de ser e dá continuidade a história e cultura dos nossos ancestrais.

Assim, no terceiro momento os alunos trabalharam com uma avaliação e debate reflexivo, feitos por eles mesmos, a partir dos painéis, para tratar de como eles se sentiam negativa e positivamente ao olhar para os painéis e a relevância do assunto.

Imagem 04 – Painéis quase finalizados.



Fonte: Acervo próprio.

## 4.2 OBSERVAÇÕES E PROBLEMÁTICAS

Os alunos conseguiram cumprir em sua maioria com as atividades, mas vale salientar que muitos não se reconheciam como negros e através de alguns colegas que falaram de seus sentimentos por sua negritude ou sobre como reconhece ao outro, foi possível perceber o autorreconhecimento de muitos outros colegas dentro da sala.

O fato de acontecerem tantos contratemplos e de em muitos dias não haverem aula, além da escola encontrar-se com a falta de merenda dos alunos há alguns meses, fez com que a direção reorganizasse as aulas, que foram dadas em

trinta minutos cada para que os alunos assistissem as seis aulas como previsto no horário.

Perante essa realidade, foi um momento corrido e que exigiu muito esforço e preparação tanto dos alunos, quanto dos professores para cumprir com as metas dos planos de aula.

Participar da execução das aulas, como professora estagiária foi um grande desafio dada a falta de tempo para executar o plano inicial. E, por em prática o plano B foi desafiante, visto o curto prazo que os alunos tinham para se expressar individualmente e realizar a troca de ideias, sendo difícil conseguir fazer com que os alunos refletissem sobre o verdadeiro sentido de ser negro.

Além disso, foi possível perceber que o interesse e desempenho dos alunos, que também estiveram em sala pontualmente, salvo exceções, foi alto e satisfatório.

Essa construção de identidade étnico-cultural e escuta ativa dos alunos está alinhada ao conceito de autorreconhecimento, que dentre as atividades destacadas anteriormente é considerada o ponto de maior relevância durante o tempo no estágio, visto que foi uma aula planejada para refletir sobre algo de grande importância e que faz parte de nossa vivência.

#### 4.2.1 Teoria x Prática

É relevante destacar que há uma sobrecarga sobre o professor não só por causa do seu dever de aplicar um conteúdo já pronto, mas também de conseguir estimular um olhar crítico e questionamentos, para que os alunos possam ser indivíduos de pensamento crítico que possam desenvolver o conteúdo abordado em sala e que isso contribua em seu crescimento pessoal.

Assim, diante dos problemas enfrentados no cotidiano dessa instituição, em relação ao trabalho desempenhado pelo professor, a maior dificuldade é a frequente correção de questões deixadas por professores anteriores e o curto prazo para essas atividades durante o tempo de experiência.

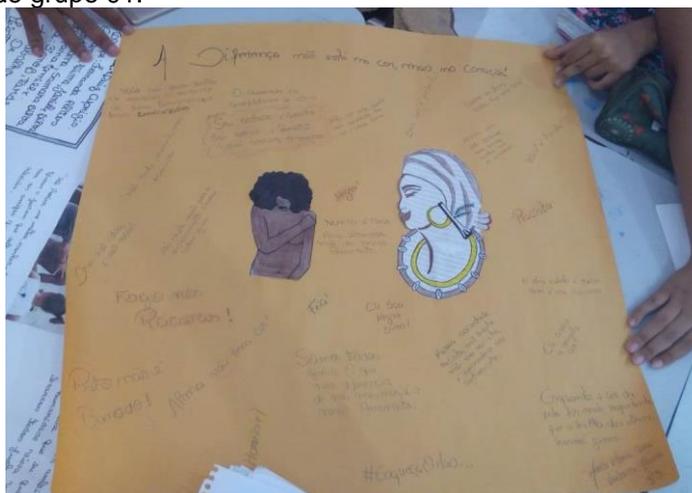
Sobre a manutenção da infraestrutura da instituição, o prédio cheio de patologias e que não comporta as atividades exercidas no espaço espera por uma grande reforma contando com a construção de novos espaços e a contemplação de novos materiais e aparelhos tecnológicos para uso de metodologias alternativas, mas até então, até mesmo o mobiliário está em condições insuficientes para o uso.

Contudo, o clima escolar é na maioria das vezes de harmonia. Apesar de todos os obstáculos, o professor e a escola buscam acompanhar a proposta dos documentos tal como propõe os parâmetros curriculares nacionais, e o intenso contato dos alunos com a atuação do professor demonstra um diálogo eficiente, pois os alunos demonstram bom desempenho no geral, então é possível constatar que através das falas durante as aulas expositivas os alunos tiveram maior entendimento sobre os assuntos abordados, ou seja, o ato de compartilhar esse trabalho feito com amor faz com que o aprendizado seja eficaz e por vezes houve os comentários dos alunos, que apresentavam satisfação.

### 4.3 PRODUTO

Como resultado do plano de aula tivemos os painéis, feitos por todos os grupos.

Imagem 05 – Painel do grupo 01.



Fonte: acervo pessoal.

Como é possível notar na imagem 05, o primeiro grupo utilizou apenas uma face da cartolina para representar o preconceito e as conquistas do autorreconhecimento do ser negro.

A forma de organização do painel se deu em torno de duas imagens representando cada tema e de frases desordenadas e misturadas em torno das imagens. É possível então perceber que como autorreconhecimento e aceitação os alunos trazem uma figura com ornamentos e expressão exultante, enquanto a outra figura mostra um corpo despido de referências e de rosto coberto em posição de desconforto. As frases são também referências de experiências dos alunos e do

conhecimento que eles têm, apresentando pensamento crítico que se opõe aos ideais racistas.

Então, o painel traz como crítica o fato de o racismo estrutural contribuir para um padrão de não aceitação e de recusa ao ser negro, elucidando frases de padronização de uma sociedade branca, como “alisar o cabelo” e outras críticas comuns.

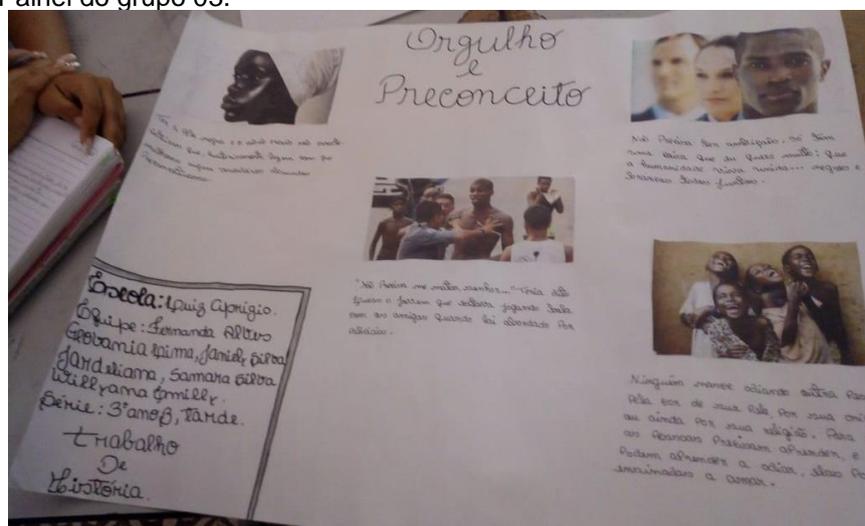
Imagem 06 – Painel do grupo 02.



Fonte: acervo pessoal.

O grupo 02 (ver imagem 06), que também utilizou apenas uma face, trabalhou de forma mais visual apontando de um lado a forma como duas pessoas que utilizam uma mesma referência podem ser vistos de formas diferentes pela cor, do outro lado, uma mão se estende para cima como símbolo de luta e resistência, como protesto contra os atos criminosos e preconceituosos que aconteceram ao longo da história contra as pessoas negras, carregando adereços de cores diversas ao lado de uma camisa com uma frase de empoderamento.

Imagem 07 – Painel do grupo 03.



Fonte: acervo pessoal.

Conforme os grupos anteriores, o grupo 3 também utilizou apenas uma face, como registrado na imagem 07, organizando textos argumentativos que comentavam cada foto, como forma de representar de forma escrita o que eles queriam expressar pelas imagens. Assim, alguns pontos relevantes foram levantados, como a construção do racismo, o histórico de luta e resistência, cargos e oportunidades de trabalho e estudo para a população afro-brasileira e o uso de violência de autoridades para cometer atos racistas.

Imagens 08 e 09 – Painel do grupo 04.



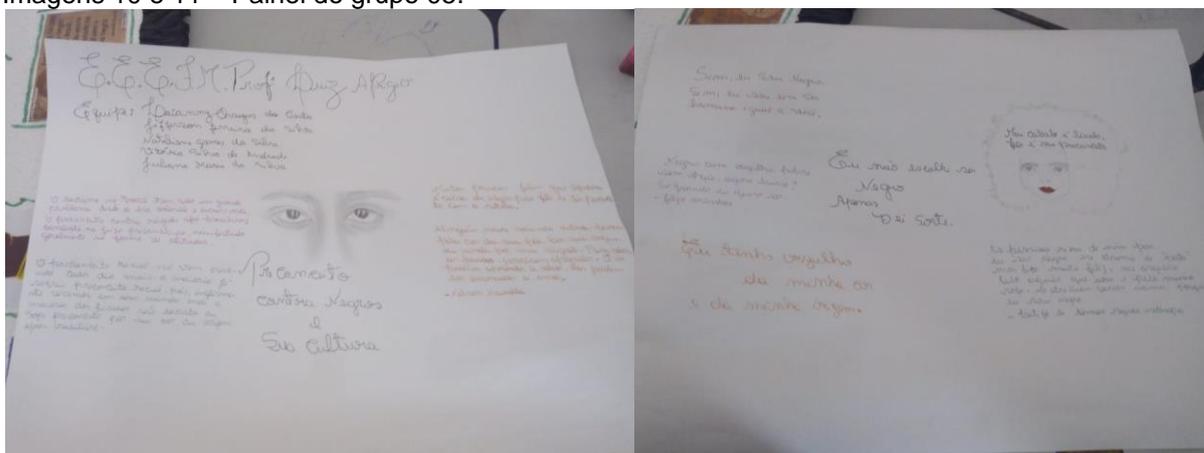
Fonte: acervo pessoal.

Analisando as imagens acima, vemos dois lados de um mesmo painel, conforme proposto, apresentando respectivamente dados relacionados à realidades de preconceito e às lutas e tradições afro-brasileiras. O grupo 04 trouxe no primeiro caso dados conhecidos pela mídia, como o assassinato de uma pessoa negra por autoridades policiais, dados estatísticos de preconceito racial dentro de instituições escolares e ataques racistas virtuais à uma criança negra adotada por duas figuras públicas. Todas as notícias referentes à casos que chamaram atenção em redes sociais.

Como complemento, algumas imagens são ilustrativas e sem descrição, como mãos algemadas que remetem ao período de escravização, imagens de isolamento social e de críticas racistas. Assim, é possível perceber que o primeiro painel trás referências da iniciação da cultura afro-brasileira pela chegada da população africana escravizada e o racismo estrutural, presente no ambiente escolar, no meio virtual e nas organizações nacionais. Elucidando que o racismo é algo próximo de nós e que está presente na sociedade como um todo.

No segundo caso, foram organizadas imagens de tradições e comemorações afro-brasileiras e figuras importantes, como zumbi dos palmares, assim como também figuras representativas do movimento negro no meio artístico de público juvenil, na atualidade. Tal painel trás como comentário o fato de que independentemente de cores muitas pessoas utilizam das comemorações afro-brasileiras, mas ainda assim cometem atos preconceituosos, mas apesar de tudo, existe o orgulho de reconhecer a grandeza da história e da cultura que perdura até hoje e da força de um povo que continua à lutar e à resistir à desigualdade social.

Imagens 10 e 11 – Painel do grupo 05.



Fonte: acervo pessoal.

Assim como o grupo anterior, o grupo 05 trouxe duas faces do painel, como proposto. A abordagem do grupo foi a utilização de desenhos, comentários populares, de percepção pessoal e de referências do movimento negro e de dados históricos.

Portanto, o primeiro painel apresenta como elemento central um croqui de um olhar expressando cansaço, desânimo, mas obstinação, de acordo com os alunos. Além disso, a equipe deu títulos aos painéis, sendo o primeiro “Preconceito contra negros e sua cultura”, organizando à esquerda uma recapitulação de eventos históricos do Brasil referente à temática, e à direita comentários próprios e de figuras importantes.

O segundo painel, intitulado “Eu não escolhi ser Negro, apenas dei Sorte” traz uma mulher de cabelo crespo e expressão feliz com a frase “Meu cabelo é lindo, feio é o seu preconceito” e com outras frases de aceitação e de contra argumento à críticas racistas, por figuras importantes dentro do movimento negro.

## 5 CONCLUSÃO

O presente artigo apresentou um relato de experiência de estágio supervisionado do curso de história, no ano de 2019, com elaboração e execução de um plano de aula para a docência das relações étnico-raciais realizado em uma escola estadual de ensino público, no município de Mamanguape, na Paraíba, a partir do embasamento com a Base Nacional Comum Curricular, com os Parâmetros Curriculares Nacionais: história e geografia e as Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-raciais para o ensino de história, e sobretudo, a Lei 10.639/03, que propõe diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.

É importante salientar o quanto esse período de experiência é importante para o processo de compreender a função social de ser professor. Portanto, foi observado a diversidade de metodologias que um professor pode usar para instigar o interesse de participação do aluno, e o impacto que tem na construção de conteúdo que pode tanto aumentar o interesse pela disciplina de História e mudar o significado dessa disciplina em relação não só com outras, como também a forma como professores usam de seu tempo para com os alunos, transformando a disciplina em algo desinteressante e monótono de se compreender e sendo considerada pelos alunos uma disciplina não tão importante quanto outras.

A experiência da atividade foi produtiva, visto que os alunos escolheram a forma mais útil de se trabalhar para a equipe, e que conseguiram associar a temática às suas vivências, fatos passados e atuais que marcam nossa sociedade, além de terem participado de forma ativa na produção entre as equipes, e durante os debates que antecederam e sucederam a produção dos painéis.

Por fim, é perceptível o impacto da atitude do professor no trabalho e no desempenho que ele desenvolve com os alunos. Pois, o fato de valorizar as narrativas e passar confiança ao que os alunos trazem, move a potência do conhecimento no contexto acadêmico e político. Trabalhar com as relações étnico-raciais foi não só uma forma de produção de conteúdo sobre um assunto, como uma forma de autorreconhecimento e reconhecimento da realidade do outro, para a sala. Além disso, a forma como foi trabalhado o conteúdo, dando liberdade aos alunos de interagirem e se ajudarem, de complementarem, comentarem e discutirem, foi algo que trouxe uma iniciativa dos mesmos de participarem ativamente e se questionarem, posicionando suas ideias reflexões.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Martha; MATTOS, Hebe Maria. Em torno das Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana: uma conversa com historiadores. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 21, n. 41, p. 5-20, jan./jun. 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia. Volume 05. Brasília: MEC/SEF, 1997. 166p.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BRASIL – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-raciais. Brasília-DF: 2006. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes\\_etnicoraciais.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes_etnicoraciais.pdf). Acessado em: 11.09.2019.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2008.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GOUVÊA, Fernando Cesar Ferreira, OLIVEIRA, Luiz Fernandes de, SALES, Sandra Regina. Educação e Relações Étnico Raciais; Entre diálogos contemporâneos e políticas públicas. 1. ed. - Petrópolis, RJ : De Petrus et Alii ; Brasília, DF: CAPES, 2014.

**Lei 10.639** de 9 de janeiro de 2003.

\_\_\_\_\_. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC, 2004.